

## Vitórias de Putin

*Mesmo não intervindo em força na Ucrânia, Putin obrigou todos a reconhecer o seu lugar à mesa do futuro da Europa*

**Bernardo Pires de Lima | Visão | 28.01.2022**

Apesar das 100 mil tropas estacionadas na fronteira com a Ucrânia, Putin não precisa de mexer um tanque para sair vitorioso de mais um confronto geopolítico.

Primeiro, já desviou todas as atenções de um arco alargado de problemas domésticos. A gestão da pandemia não tem corrido bem, a taxa de vacinação é curta para quem produz vacina própria, a popularidade do Presidente já teve dias melhores, quase metade da população jovem diz querer emigrar, os mercados financeiros não têm sido benevolentes, as sanções têm prejudicado o acesso ao crédito internacional e a economia tem hoje um valor semelhante ao de Espanha, com um PIB que é metade do alemão e 14 vezes inferior ao norte-americano. As únicas fórmulas de manifestação de grandeza russa são energéticas e militares. Por um lado, criam condições para a subida dos preços do petróleo e do gás (com cortes no abastecimento europeu, tensões em países de trânsito, adiamento na manutenção de gasodutos), afetando economias dependentes à entrada do rigor do inverno ou consumidores mais distantes. Por outro, expõem a vontade em arriscar, exibindo investimentos militares no único país com paridade nuclear com os EUA.

Segundo, permitiu-lhe reacender a História em ensaio recente sobre a matriz unificadora dos povos eslavos espalhados pela Europa, legitimadora da propensão natural da grande Rússia. E fá-lo por convicção, não por recreação. Convicção material, filosófica e identitária, reiterada noutras ocasiões, com respaldo nos círculos culturais e religiosos, fontes do poder russo. A sua repetição tem adesão popular, reagrupa clãs, o aparelho securitário, e reanima um propósito estratégico que, na sua lógica, foi brutalmente decapitado com a dissolução da União Soviética, que acaba de cumprir 30 anos. E que melhor do que uma data redonda, absolutamente trágica segundo as suas palavras, para Putin tentar reverter os fundamentos da ordem europeia do pós-Guerra Fria? É isto que o move.

Para tal, apresentou algumas condições a troco de um eventual desanuviamento na Ucrânia: fim dos alargamentos da NATO a leste, fim da capacitação de membros da NATO a leste, fim da assistência militar ocidental à Ucrânia e fim do estacionamento de mísseis norte-americanos de médio-longo alcance na Europa. Putin sabe perfeitamente que nenhuma destas condições é aceitável. Primeiro, porque a sua palavra escrita não é credível, depois de ter rasgado o Memorando de Budapeste (1994) ao invadir a Crimeia, garantia de integridade territorial da Ucrânia a troco da sua desnuclearização controlada. Segundo, porque a NATO não eliminará a política de “porta aberta” por pressão de Moscovo, quando está a negociar um novo conceito estratégico. A atitude russa é mesmo o prolongamento da vitalidade da NATO para a década, reforçando o pilar político, parcerias e investimentos tecnológicos. Terceiro, uma desmilitarização norte-americana e da NATO a leste incendiaria ainda mais o Capitólio e deixaria os europeus totalmente à deriva, dando um sinal aos aliados asiáticos e a Pequim que agiria com vigor na fronteira com a Índia ou no mar do Sul da China.

As pretensões de Moscovo foram ambiciosas não para serem exequíveis, mas para equilibrarem estatutos e aproveitarem divergências nos aliados. Duas razões que me levam ao ponto de

partida: mesmo não intervindo em força na Ucrânia, Putin obrigou todos a reconhecer o seu lugar à mesa do futuro da Europa. Tudo isto num momento crítico, com os efeitos da fadiga pandémica, o regresso da inflação, o custo da energia, as perversidades na democracia norte-americana, o efeito da retirada do Afeganistão, as disfunções no novo governo alemão e os pregões soberanistas na campanha presidencial francesa.

Putin tem tempo e paciência. Já mostrou como o risco compensa, sabe que as democracias operam a um ritmo diferente e assegurou a sintonia estratégica com a China. Será, sem problemas, reeleito em 2024. Veremos se, na mesma altura, não acrescentará a Pequim um ressabiado aliado em Washington, fechando um ciclo e abrindo outro. Não temos muito tempo para acertar o passo, de preferência conjugando esforços, inteligência e coragem. Não nos queixemos depois da saudade que a ordem democrática nos deixou.

### **Norte**

O degelo no Ártico potencia a rota polar e tira 15 dias à navegação entre portos asiáticos e europeus, face à via do Suez. A Rússia tem 40 quebra-gelos. EUA e China têm, cada um, dois destes navios.

### **Sul**

Moçambique acaba de ratificar o acordo de mobilidade da CPLP, depois de Cabo Verde, São Tomé, Portugal e Guiné-Bissau. A lusofonia, apesar de tudo, move-se.

### **Este**

As legislativas húngaras serão no dia de referendo ao ensino de direitos LGBT nas escolas. Com a oposição à perna, Orbán dá tudo para manter o país no modo trincheira.

### **Oeste**

Dos nove grandes cabos submarinos que dominam a bacia atlântica, a Google controla total ou parcialmente sete, e o Facebook parcialmente dois. Da minha parte, inquietação, inquietação.

<https://visao.sapo.pt/opiniao/pontos-cardeais/2022-01-28-vitorias-de-putin/>